

## Slam Xamego: amor como resistência no Hip-Hop do Espírito Santo

João Otávio Almeida<sup>1</sup>

Lara Brum de Calais<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i28.65114>

**Resumo:** O *Slam* é uma arte periférica de protesto que pertence à cultura Hip-Hop. Na região da Grande Vitória, no Espírito Santo, existem vários *Slams*, dentre eles o Slam Xamego, que é, até então, o primeiro e único *Slam* afetivo da região, ou seja, um *Slam* que traz, em primeiro plano, os afetos, em especial o amor. Este estudo teve como objetivos compreender a afirmação do amor como dispositivo de resistência e produção de vida para jovens negros e periféricos participantes do Slam Xamego, bem como o contexto e motivo de sua criação, além de acessar a função da poesia sobre amor para os *Slammer* e sua localização como enunciado político. A metodologia incluiu entrevistas semi-estruturadas e análise de produção de sentido. Como resultado, entendemos os caminhos desses jovens negros e periféricos para uma aposta ético-estético-política no amor como forma de resistência e de criação de outros modos de existir na cidade que fissura a lógica hegemônica.

**Palavras-chave:** slam; Slam Xamego; amor; amor político; Hip-Hop.

### Slam Xamego: love as resistance in the Hip-Hop of Espírito Santo

**Abstract:** Slam is a peripheral art of protest that belongs to Hip-Hop culture. In the region of Grande Vitória, in Espírito Santo, there are several Slams, among them Slam Xamego, which is, so far, the first and only affective Slam in the region, that is, a Slam that prioritizes affections, especially love. This study aimed to understand the affirmation of love as a device of resistance and a way of producing life for Black and peripheral youth participating in Slam Xamego, as well as the context and reasons for its creation. Additionally, it sought to explore the function of poetry about love for the Slammers and its positioning as a political statement. The methodology included semi-structured interviews and an analysis of meaning production. As a result, we understood the paths of these Black and peripheral youth towards an ethical-aesthetic-political stance on love as a form of resistance and the creation of alternative ways of existing in the city, disrupting hegemonic logic.

**Keywords:** slam; Slam Xamego; love; political love; Hip-Hop.

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Integrante do Grupo de Pesquisa Infâncias Resistências (UFES) e do Coletivo Ocupação Psicanalítica - ES. E-mail: joaoottavio64@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0541-7203>.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGSSI/UFES). E-mail: lara.calais@ufes.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0346-630X>.

## Slam Xamego: amor como resistencia en el Hip-Hop del Espírito Santo

**Resumen:** El Slam es un arte periférico de protesta que pertenece a la cultura Hip-Hop. En la región de Grande Vitória, en Espírito Santo, existen varios Slams, entre ellos el Slam Xamego, que es, hasta ahora, el primero y único Slam afectivo de la región, es decir, un Slam que pone en primer plano los afectos, en especial el amor. Este estudio tuvo como objetivos comprender la afirmación del amor como dispositivo de resistencia y producción de vida para jóvenes negros y periféricos participantes del Slam Xamego, así como el contexto y los motivos de su creación, además de analizar la función de la poesía sobre el amor para los Slammer y su ubicación como enunciado político. La metodología incluyó entrevistas semiestructuradas y análisis de producción de sentido. Como resultado, entendimos los caminos de estos jóvenes negros y periféricos hacia una apuesta ético-estético-política en el amor como forma de resistencia y creación de otros modos de existir en la ciudad, que fisura la lógica hegemonía.

**Palabras clave:** slam; Slam Xamego; amor; amor político; Hip-Hop.

## Slam Xamego: amor como resistência no Hip-Hop do Espírito Santo

### Introdução

*Cantando sobre o que acontece  
vejo que poucos mudaram  
Quantas vezes você já foi amado?  
Cantar sobre amar talvez seja mais  
revolucionário  
Baco Exu do Blues*

No bojo da cultura Hip-Hop, adolescentes e jovens negros e periféricos, historicamente, e aos seus modos, constroem passos e versos de resistência embalados pela arte e pelos manifestos. Neste sentido, compreender a cultura Hip-Hop, especificamente pelo *slam* como modo de produção de resistência na relação de jovens com suas vidas e territórios, se torna potencial. Neste artigo, daremos destaque, por meio da escuta de jovens poetas, aos processos de

resistências que são produzidos por meio da arte, da política, da cultura e da estética, que atuam como dispositivos políticos e artísticos de produção de subjetividades.

Em meio às estratégias de vigilância que se configuram em nossa sociedade, especialmente sobre os corpos e performances de pessoas negras e periféricas, as juventudes aparecem como alvo, sendo constantemente entendidos como supostamente perigosos e, consequentemente, tomados pela lógica de uma política de morte. Na perspectiva de autores como Coimbra; Nascimento (2005); Foucault (1997); Mbembe, (2018), tais corpos são mais

facilmente passíveis da morte – seja ela real ou simbólica. Engendra-se a política de fazer morrer quando o Estado elege um inimigo passível de fazer guerra para justificar as mortes que ocorrem, como se estivesse num estado de sítio. A necropolítica, aqui tomada na perspectiva de Mbembe (2018), funde-se ao ato de apontar qual corpo é passível de ser descartado, fazendo com que o controle deixe de ser pela vida e passe a ser gerido na escolha de quem vai morrer.

Sob esta égide, é valioso pensar a constituição da subjetividade desses jovens, entendendo-a como modos de ser, estar e sentir que não se originam no interior do indivíduo, mas que se formam através de constantes atravessamentos. Assim, a expressão 'processos de subjetivação' preenche de sentido a dimensão processual que emerge do encontro do sujeito com o mundo (Tavares, 2011) e, nesse caso, também com as práticas de violência perpetradas cotidianamente. Os processos de subjetivação incididos pela desigualdade social trazem, portanto, um gama de efeitos para as populações periféricas e marginalizadas. Neste sentido, no que se refere especificamente a

adolescentes e jovens, prioritariamente negros e pobres, pode-se anunciar uma ótica de produção da subjetividade infame – ou seja, aqueles que são alocados como sem notoriedade e que, supostamente, não fariam falta na cena social. Tais corpos só se tornam dignos de nota quando, de algum modo, entram em conflito com o Estado (Almeida, 2021; Foucault, 2003; Lobo, 2007).

Desta forma, o presente artigo, fruto de uma pesquisa de iniciação científica fomentada pela Universidade Federal do Espírito Santo, aproximou-se de jovens envolvidos com a arte do *slam* e suas expressões poéticas. Tendo, como objetivo, compreender a afirmação do amor como dispositivo de resistência e produção de vida para jovens negros e periféricos participantes do Slam Xamego, a investigação ocupou-se, também, do contexto e motivo da criação dessa modalidade de *slam*, além de acessar a função da poesia sobre amor para os *Slammers* e sua localização como enunciado político.

Segundo D'Alva (2014), o *slam* é parte da cultura Hip-Hop e pode ser definido de diversas maneiras, dentre elas: i) como uma competição de

performances de recitação de poesia; ii) como um espaço livre para expressão das construções poética dos participantes; iii) como espaço para debater questões políticas e iv) como local de lazer e entretenimento. A autora afirma que definir o *slam* é complexo, pois ele se transformou ao longo do tempo, expandindo-se, globalmente, como um acontecimento poético em um movimento cultural, artístico e social. Afirma-se, portanto, como um movimento de literatura marginal, existindo um duplo enredo para tal: sendo uma literatura que não está nas prateleiras das bibliotecas, não está do lado das literaturas canônicas; e, sendo uma arte produzida por pessoas que estão à margem, está nas periferias. Esse duplo enredo torna o *slam* um movimento de literatura marginal (Neves, 2017).

De composição eminentemente política, o *slam* é um espaço para debater questões da sociedade, do cotidiano, afirmindo-se como um movimento estético-cultural que envolve a poesia falada – destacando o potencial criativo e inventivo dos jovens – como principal instrumento para se expressar (D'Alva, 2014). Torna-se,

portanto, um espaço de subversão que fissura a lógica hegemônica. O *slam*, sendo um espaço de denúncia, grito, desabafo, resistência, produção de sentido, literatura, conhecimento, subjetividade e estética, cria, assim, lugares para uma outra existência possível. (Neves, 2017). Este trabalho, portanto, entende o *slam* como esse espaço de fissura, de relevância social e política para jovens negros e periféricos, especialmente no que diz respeito à construção de suas subjetividades (Tavares, 2011).

O *slam*, de modo geral, tem seu foco poético em críticas ao racismo, a violência policial, as estruturas políticas do país e denunciam as mazelas do país. Contudo, em meio a esse amplo movimento, destacamos aqui a existência de um grupo de *Slam* que tem, em seu foco poético, as afetividades. Isto, por si só, já aponta a estética desse movimento de reexistência (Silva Neto, 2023; Neves, 2017). O Slam Xamego, já reconhecido no estado, é o primeiro e até o momento único *Slam* afetivo do Espírito Santo, atuante na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), onde existem vários Slams.

Em linhas gerais, o grito dos *Slammers* anuncia e denuncia a demanda por vida, quando ecoam as frases de jovens em suas poesias: “*a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil*”. Atravessamentos subjetivos também ecoam em suas poesias, demonstrando uma luta por sobrevivência expandida no palco do *slam*. Assim, tornam-se também estratégia política falar dos afetos, pautar outras formas de existência a partir da performance em que as críticas sociais ganham outros contornos, apontando que, além de ser urgente viver, também é urgente amar, como ressalta o Slam Xamego.

Portanto, permitir-se ser afetado é uma aposta ético-estético-política que esses jovens fazem para se agarrar à vida, para produzir modos a partir dos quais a vida faça sentido. Nesta toada, hooks<sup>3</sup> (2020) destaca o amor como crescimento espiritual e fala de uma ética amorosa. Noguera (2020) afirma que o amor é uma emoção coletiva e um ato político e, além disso, Souza

(2021) diz que amor é a esperança de viver junto aos seus, pois está atrelado à ancestralidade. Assim, a autora bell hooks (2020), que dedica parte importante de sua obra aos afetos e, em especial ao amor, sugere que o ele se manifesta nas ações, refletindo, tal como anunciam os jovens do Slam Xamego, que, apesar da violência (Lanna et al., 2021; Silva Neto, 2023), vale falar de amor e afeto como uma decisão consciente e política (Noguera, 2020; Souza, 2021; Rodrigues, 2021).

Nessa sociedade da necropolítica onde corpos negros, periféricos são sistematicamente descartados, seja pela morte concreta ou simbólica (Mbembé, 2018), o amor não é prontamente apresentado a essas pessoas. Para pessoas negras, o amor é negado, tanto para homens, pois entende-se que não existe uma cultura de amor em relação aos homens negros (Farias et al., 2023), como para mulheres, que relatam uma vivência de mal-estar por conta da negação do amor (Fernandes, 2024).

<sup>3</sup> O nome da autora bell hooks, é escrito em letra minúsculo, pois a autora escolhe esse pseudônimo e adota o minúsculo para desviar a atenção de si mesma enquanto indivíduo e focar na importância de seu trabalho e legado, valorizando a coletividade e o impacto de suas

ideias. Isto é explicado no site da própria autora: <<https://bellhooksbooks.com/faq-items/why-did-bell-hooks-want-her-name-lowercase/?form=MG0AV3>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Para hooks (2020), há uma busca e ânsia pelo amor mesmo diante da impossibilidade de ele ser encontrado. Nesse sentido, há uma inventividade que se dá na necessidade de amar e ser amado. Fazer poesias e declamá-las em espaços públicos nas competições de *slam* fala sobre essa invenção de amar, de demonstrar seus afetos. A poesia marginal revela, então, a dimensão estética-política-afetiva das relações destes jovens com os espaços que ocupam, desafiando o Estado e apontando-o como o autor da violência sistemática contra eles. O grito do *slam* ressoa a urgência de viver.

Tornar evidente os afetos em uma sociedade que mata real e simbolicamente pessoas negras é o que materializa ações de resistência, de subversão e de invenção, apontando que, mesmo diante das violências que negam a vida e negam o amor, viver e amar é parte do processo de subjetivação desses sujeitos (Pinho, 2023; Tavares, 2011). Engendra-se, então, um processo inovador em afirmar a possibilidade do amor, quando a morte é passível a qualquer momento. Tornam-se esteticamente revolucionários ao declamar poesias

nas ruas da cidade, anunciando que o amor é possível para jovens negros e periféricos; criam-se cenários de outros modos de existir e estar no mundo, subvertendo a história única sobre suas próprias vidas, criando a possibilidade de sonhar outros modos de viver (Adichie, 2019; Lanna *et al.*, 2021; Mbembe; 2018; Moten, 2023; Silva Neto, 2023; Tavares, 2011).

## Metodologia

*Ladrão, então peguemos de volta  
o que nos foi tirado  
Mano, ou você faz isso  
Ou seria em vão o que os  
nossos ancestrais teriam sangrado  
Djonga*

Em concordância com os objetivos deste trabalho, delimitou-se que os participantes seriam os jovens do Slam Xamego acima de 18 anos, sem restrição a gênero e raça. Em um dos eventos do *slam*, foi feito o anúncio sobre a pesquisa e sua relevância, oportunidade em que alguns poetas se dispuseram a participar. Foi utilizado, como critério de seleção, que metade dos participantes fossem de criadores do Slam Xamego. Ao todo, foram entrevistados quatro participantes, três homens e uma mulher, todos cisgêneros, autodeclarados negros,

com faixa etária entre 21 e 26 anos, e escolaridade variando de Ensino Médio completo à Superior Completo.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com integrantes do coletivo tiveram, como base, o método de Triviños (1987), cujo intuito foi de investigar: i) como surge o Slam Xamego e em qual contexto; ii) o que leva esses jovens a escreverem sobre o amor; iii) como eles percebem nessas poesias os atravessamentos pelos marcadores sociais de raça, classe e gênero; iv) se esse movimento que busca falar dos afetos tem alguma função e impacto social na vida dos jovens que frequentam o Slam Xamego.

Além disso, cabe dizer que essa pesquisa segue os critérios estabelecidos pelas resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)<sup>4</sup>, assegurando o respeito à dignidade, bem como a autonomia dos participantes, por meio do Termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). A participação é voluntária, e, caso seja necessário, eles podem desistir a qualquer momento. Além disso, é garantido o retorno dos resultados obtidos. Antes de iniciar as entrevistas, foi apresentado o TCLE aos participantes para que assinassem. Todos autorizaram que fossem captados áudios com um aparelho de telefone celular. Neste trabalho, serão usados os mesmos nomes que eles utilizam no slam.

Para a análise das entrevistas, foi utilizada a Análise de Produção de Sentidos (Lanna et al., 2021; Spink 2010). Nesse método, o processo de categorização é realizado sem categorias pré-definidas, uma vez que elas vão emergindo à medida que o trabalho de análise é realizado. De certa forma, as categorias acabam refletindo os elementos elencados como relevantes para o roteiro da entrevista (Lanna et al. 2021). Após esta etapa, foi elaborado um Mapa de Associação de Ideais, conforme Lanna et al., (2021), apontando as categorias e os sentidos atribuídos às narrativas

<sup>4</sup> CAAE: 70300623.2.0000.5542, aprovado na data 21 de julho de 2023.

dos participantes da pesquisa, com o objetivo de alinhar os conteúdos, ou seja, os sentidos obtidos com base nessas categorias. Neste trabalho, comprehende-se o sentido como um processo social, coletivo e interativo, influenciado por relações históricas e culturais, gerado por atravessamentos coletivos, sendo a linguagem um ponto crucial nesta produção, caracterizando Práticas Discursivas (Lanna et al., 2021).

Após a transcrição das entrevistas, por meio do programa Transkriptor, e feitas as devidas correções, foi possível realizar a leitura e sistematização dos trechos de falas nas seguintes categorias: afeto-amor; corpo político; sonhos e autoanálise. Ao todo, por meio das narrativas das entrevistas, foram elencados 9 sentidos, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Mapa de associação de ideias.

Categoria	Sentidos
AFETO-AMOR	1.1 Amor romântico 1.2 Amor pelos familiares e amigos 1.3 Amor por si próprio
CORPO POLÍTICO	2.1 Resistência 2.2 Amor político
SONHOS	3.1 Possibilidade de amar/desejar 3.2 Continuidade 3.3 Ocupar espaços
AUTOANÁLISE	4.1 Mudança

Fonte: Autores.

## Vozes de reflexão: “Que os corações sejam aquecidos, amores correspondidos”<sup>5</sup>

*Muitos aqui têm ódio e nem sabe por que, cara*

*Ouve a dor na minha voz, me responde: Por quê, cara?*

*Djonga*

O campo desta pesquisa comprehende o próprio Slam Xamego, corroborando com a noção de uma formação artística de pessoas que estão à margem da sociedade e são produtoras de literatura marginal. Essa literatura produzida pelo *slam* é fissurante nos contextos onde existe, pois acaba utilizando de aparatos estéticos para reivindicar seu local social. Nesse sentido, provoca a olhar para cidade e a pensar como essa manifestação imbrica em suas ruas, praças, espaços. O poder público pode se fazer presente para promover ou reprimir essa movimentação marginal; de ambas as formas, a existência do *slam* provoca, no Estado, alguma ação. Para além da sua marginalidade, o Slam Xamego tem outro

desdobramento na sua forma de ocupar a cidade, bem como outras potencialidades como coletivo por sua característica singular de colocar à tona os afetos e o amor (Silva Neto, 2023; Silva; Losekann, 2020). Essas características serão exploradas nas categorias a seguir.

*Quando garotos negros amam,  
quando garotos pretos se  
amam  
Quase sempre se inventou um  
jeito  
E percebi ser são cada vez  
que fui amado  
(Rico DalaSam; Céu).*

A categoria Afeto-Amor é a primeira a ser identificada e a que tem mais volume de informações, tendo três sentidos atribuídos: 1) Amor romântico; 2) Amor pelos familiares e amigos; 3) Amor por si próprio.

Nos amparando na perspectiva de hooks (2020), o conceito de amor é entendido como o desejo de promover o crescimento espiritual seu e de outra pessoa, sendo, esta, uma ação intencional. Essa definição se aproxima da perspectiva sobre o amor de um dos entrevistados, que diz: “A definição do amor, velho, eu acho que é baseado no

<sup>5</sup> Todo *slam* tem seu grito, que é entoado antes de algum poeta fazer sua performance. No Slam Xamego, o grito é: “que os corações

sejam aquecidos, amores correspondidos e não nos falte contatinhos. Slam XAMEGO!”.

querer o bem. Querer o bem, quem ama, deseja o bem" (Trecho da entrevista realizada, em 23/04/2024, com Do Carmo).

Nestes termos, a teoria e a realidade se encontram. Além disso, Noguera (2021) afirma que essa dimensão do bem-estar não se dá individualmente, mas sim coletivamente, entendendo que amar é escutar, é ouvir os desejos, as necessidades, o corpo; tanto o seu próprio como do outro, num movimento de criar intimidade. Ou seja, "para conhecer o amor, é necessário, antes de tudo, conhecer a si mesmo e ao outro" (Noguera, 2021, p. 24). É neste sentido que hooks (2020) entende o amor como tendo uma dimensão social, que possibilita uma vivência cidadã por via da ética amorosa.

Tal conjuntura afeta diretamente a existência de pessoas negras, tendo em vista que o amor e a cidadania foram e continuam lhes sendo negados. O negro não era uma pessoa, nem cidadão livre na condição de escravizado, sendo excluído do corpo social (Nogueira, 1998). Porém, é pela via do amor que se torna possível a afirmação de estar vivo – com os seus, com a comunidade e seus ancestrais –

e despertar, com intensidade, a nossa capacidade de ação, que foi cotidianamente vilipendiada (Souza, 2021).

A escolha por amar e ser amado implica em confrontar o medo, a alienação e a separação. Escolher amar é escolher ir ao encontro e estabelecer conexão: é uma escolha que leva ao encontro, seja de si mesmo, seja com o outro. Pela via do amor é possível restituir a cidadania e a possibilidade de viver, pois o amor, mesmo sendo negado, não é nulo e confere ao sujeito uma capacidade de ação (hooks, 2020; Souza, 2021).

Em uma das entrevistas, João Martins aponta:

O livro que eu tenho que o nome do livro é 'o eco do seu nome' é sobre amor, porém não é somente sobre um amor romântico. Esse livro, inclusive, é um livro totalmente dedicado às minhas avós, que pra mim são, são os maiores exemplos que eu tenho na minha vida de amor, de afeto, de carinho (Trecho da entrevista realizada 14/03/2024).

Souza (2021) discorre a respeito da reverberação da ancestralidade, entendendo que, além das gerações anteriores a esses jovens em sua própria linha genética, há uma

dimensão ampliada na ancestralidade para pessoas negras que é experimentada dentro de um singular-coletivo, nesse caminho, há quem guie até a jornada pelo amor (Almeida et al., 2023; hooks, 2020). Na perspectiva de hooks (2020, p. 71), “embora o desejo de amar esteja presente em todas as crianças pequenas, ainda assim, elas precisam de orientação quanto às formas de amar”, o que reafirma a dimensão relacional como ponto de profunda relevância na construção humana.

Outro entrevistado, em um trecho de seu relato, aponta que:

eu não sei se é certo falar que o Xamego me deu tudo, mas eu sei que o Xamego me levou para as pessoas certas. Me levou para o João, me levou para a Thales, para a Italo, para a Marquinhos, para a Júlia, me aproximou dos meus pais. Mesmo tendo uma certa distância, me aproximou deles. Então, começo de tudo, o menor revoltado, hoje, o menor que se ama, ama a namorada, ama os pais e ama os amigos (Trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul).

Esse trecho engloba todos os três sentidos desta categoria. No que diz respeito ao amor pelos amigos é “outra possibilidade importante dessa

experiência de comunidade é a amizade, que para muitos é o primeiro contato com uma ‘comunidade carinhosa’” (Silva, 2021, p. 17). A comunidade é o melhor lugar para aprender sobre a arte do amor: aprende-se a lidar com os conflitos, com as diferenças e a processar os problemas enquanto o vínculo permanece ativo. Amar as amizades traz um fortalecimento para que esse amor seja levado para outras relações, familiares, românticas, consigo mesmo (hooks, 2020).

Sobre o amor próprio, hooks (2020, p. 94) afirma que ele “não pode florescer em isolamento”, o que torna mais significativa a fala do entrevistado que, ao relatar que o slam lhe trouxe amigos, e que, na relação com esses amigos, ele passou a amar a si mesmo, os próprios amigos e seus familiares, começou a namorar e amar sua namorada também. Nogueira (1998) afirma que esta configuração do amor próprio é, de fato, um desafio para pessoas negras em relação à construção da sua própria identidade, e da sua construção enquanto indivíduo que pertence ao grupo de pessoas negras. Contudo, nesse processo, revelar o amor enquanto possibilidade

cria laços consigo e com outros, conferindo outras alternativas de ser no mundo.

Já a respeito do amor romântico, outra entrevistada relata que teve algumas questões até compreender que o amor romântico também era possível pra ela e que passa a perceber isso no Slam Xamego, por meio da interação dos amigos e dos casais que se constituíram naquele espaço:

Nunca desacreditei do amor em relação à amizade e essas coisas, mas do romântico eu desacreditava muito que eu poderia viver isso. E foi muito importante pra minha coletividade nesse sentido, porque eu não fazia poesia de amor romântico, mas eu ouvi pessoas fazendo e vi pessoas amando no Slam Xamego. [...] Eu penso muito sobre o cuidado, mesmo, de entender, por exemplo, como é que funciona o cabelo da minha mulher, por exemplo, os cuidados com a pele. É muito o cuidado, sabe, disso tudo, e com pessoas que se entendem muito por serem pessoas pretas, pessoas com vivências parecidas (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly).

O direito à liberdade e de viver plenamente e bem são pressupostos de uma ética amorosa (hooks, 2020). Imergir nessa ética significa fazer uso das dimensões do amor no cotidiano,

ou seja, o cuidado, a confiança, o compromisso, a responsabilidade, o respeito e o conhecimento. Na medida em que se autoanalisa criticamente, é possível ajustar o que é preciso para dar carinho, cuidado, respeito e aprender a se relacionar na medida em que se relaciona (hooks, 2020). Nogueira (2020) aponta que o processo de amar e ser amado perpassa o cotidiano, a aventura de conhecer o outro e a si a cada dia. Amar é fazer um percurso de intimidade com o outro. A visão dos autores se encaixa na fala de Adrielly, que destaca a facilidade de criar intimidade com quem compartilha experiências semelhantes.

*Pode tentar, mas vocês nunca vai  
calar minha voz  
Mas talvez  
Meu povo se levanta algum dia  
Mas talvez  
A paz reine pelas periferias  
Mas talvez  
Meu morro volta a viver com  
alegria  
(Mc Poze do Rodo)*

Em relação a categoria Corpo Político, foram atribuídos os seguintes sentidos: 1) Resistência; e 2) Amor político. No tocante ao sentido da resistência, os jovens negros e periféricos entendem, desde cedo, que seu corpo carrega aquilo que Foucault (1997) chama de virtualidade, ou seja,

aquele que pode vir a ser. Esses jovens são marcados com olhares, falas, gestos, ações da sociedade para com eles (Kilomba, 2019). Afinal, *ser jovem e pobre é perigoso?*<sup>6</sup> (Coimbra; Nascimento 2005).

Nesse sentido, é pela experiência dos mais velhos que se apreendem os modos de se mover na cidade, de resistir, de existir, por meio de uma tecnologia de resistência: o aquilombamento. Jovens, negros e periféricos formam coletivos como forma de continuarem vivos: “aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (Souto, 2020, p. 144). Pelo processo de alijamento social das pessoas negras durante os períodos da abolição e no que se seguiu a ela, foram e ainda são constituídos espaços para resistir às violências, principalmente para que tenham um espaço para serem sujeitos, um lugar onde as representações de si e dos seus semelhantes têm um outro olhar (Nogueira, 1998; Souto, 2020).

Além disso, o recurso de linguagem utilizado por esses jovens é

o da **poesia falada**. Grifamos o termo para recorremos a Fanon (2020, p. 31), que destaca: “falar é existir absolutamente para o outro”. Pode-se dizer que os jovens poetas buscam dar forma aos seus corpos, às suas existências. Ao falarem suas poesias, reafirmam suas existências em coletivo no quilombo que formam (Souto, 2020). Ademais, ao mesmo tempo em que ocupam os espaços da cidade recitando suas poesias aos quatro cantos, afirmam sua existência para o próprio coletivo e para a cidade, para que esta reconheça a existência tanto coletiva do grupo quanto da singularidade de cada integrante.

É na formação dos quilombos e no aquilombamento que os negros tendem a superar as consequências do seu processo de tentar se constituir enquanto indivíduo social. Nesse processo de “tentar se constituir como indivíduo social, desenvolveu um horror a se identificar com seus iguais” (Nogueira, 1998, p. 36). Vemos essa superação nas seguintes falas: “eu falava, caraca, e eles tem tudo isso, né, de ter um amor preto, de vivências parecidas. E eu falei, caraca, eu queria

<sup>6</sup> Título da obra das autoras.

viver isso" (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly), e "uma pessoa preta sobe e fala o que sente, sem medo nenhum, de forma boa, um amor bom, um amor legal, fala o que sente e fala que ama uma outra pessoa preta que tá ali, presente e felizona, isso é importante pra caralho e nós temos que aprender a fazer isso" (Trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul). Entende-se que não há mais um horror; pelo contrário, existe um sentido, uma admiração em olhar seus semelhantes e tê-los como referência.

Há movimentações de resistência na cena do slam no Espírito Santo, especialmente contra o aparato de controle realizado por meio da necropolítica (Mbembe, 2018). Neste ponto, uma das vias entende que a polícia procura impedir o amor, o afeto e o lazer de jovens de periferia na praça no centro da cidade, implicando uma morte simbólica alicerçada na necropolítica (Silva Neto, 2023).

A gente não sofreu tanta repressão policial ou social e tal. Acredito que, ainda mais nós, por carregar essa ideia do xamego de serem coisas um pouco mais leves, por dizer, não que o discurso político e social não estivesse presente, embutido ali no texto, mas

parece que tem uma passabilidade. [...] A galera que estava antes capinou uma estrada para que isso acontecesse, sacou? Da galera ser presa, de ser parada dentro do ônibus, de apanhar de polícia, estar respondendo por coisas até hoje (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins)

Assim como as mulheres do Complexo da Maré no Rio de Janeiro criam estratégias de resistência (Ribeiro, 2022), o Slam Xamego também cria suas formas, afirmado a todo tempo que falar de amor é um ato de resistência.

O poeta Do Carmo diz: "o que me leva a escrever poesia sobre amor é enxergar o amor negro e periférico como um ato de resistência" (Trecho da entrevista realizada em 23/04/2024). O amor, portanto, alcança seu caráter político, o outro sentido dessa categoria. Assim, pensar o coletivo, a formação de um quilombo, em um espaço de produção de vida, de sentido, de afeto, impede que a morte simbólica alcance esses jovens, uma vez que a morte simbólica está justamente no impedimento do lazer, amor, afetos, da circulação e ocupação dos espaços da cidade, e também no do próprio viver (Silva Neto, 2023;

Souto, 2020). Portanto, falar sobre amor dentro do coletivo possibilita a resistência por meio da dimensão política do amor. “Eu acho que é uma parada extremamente revolucionária parar e falar sobre amor” (trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins), já que isso possibilita transformar.

E, para além disso, o ato de falar também exerce uma função terapêutica, “porque a gente começa a falar sobre coisas que a gente quer falar, que confortam as pessoas e até quando é sobre traição, morte de alguém ou algo do tipo, não deixa de ser um desabafo [...] o que você sente, ninguém vai falar sobre isso, só você” (trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul). Assim, essa fala tem endereço e tem acolhimento justamente por estar dentro de uma comunidade que também se forma por meio dela.

Além do mais, Noguera (2020) traz uma reflexão, a partir de Somé, ao apontar que o bem-estar é de responsabilidade coletiva; e, se tratando de uma emoção coletiva, é pela escuta do outro e de si que se conhecerá o amor. Nesse caminho, a dinâmica de falar trazida por Fanon

(2020), que entende que falamos para existir para o outro, se complementa pela escuta apontada por Noguera (2020). Instala-se, portanto, uma ética amorosa (hooks, 2020) que implica na disposição de confrontar os impasses e mudar o que for preciso.

Um dos entrevistados vai apontar os processos de aprendizado com o grupo: “militância quebrando, falou coisa errada, toma, testemunho errado, toma, tipo, foi aquele processo de aprendizado” (trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul), que só é possível a partir da fala e da escuta. A partir desta ideia, o slam vai se tornando um espaço onde

a única coisa que não pode, e que vai ser repreendida de todas as maneiras se acontecer no slam, vão ser falas misóginas, preconceituosas, racistas, homofóbicas, porque não há espaço para isso. Então a gente está ali exatamente para poder ouvir essa verdade e essa realidade que atravessam as pessoas que estão lá. (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins)

*Eu sou a continuação de um sonho  
Da minha vó, do meu vó  
Quem sangrou pra gente poder sorrir  
(BK; JXNV\$)*

Na categoria que versa sobre os Sonhos, foram atribuídos três sentidos, sendo eles: 1) Possibilidade de amar/desejar; 2) Continuidade; 3) Ocupar espaços. Essa categoria aborda a possibilidade de um futuro, de um presente diferente do que se espera para jovens negros e periféricos. O próprio Slam Xamego configura-se como um sonho pelo desejo de viver algo diferente das violências e do racismo. O coletivo dá um passo além nesse desejo-sonho trazendo o amor e os afetos para esse campo, apontando que, além de querer viver sem violências, sem racismo, esses jovens querem amar e serem amados.

Para além dos contornos clássicos, conhecidos pela perspectiva dos sonhos a partir da lógica freudiana (Freud, 2001), que entende os sonhos como a manifestação do inconsciente constituído de desejos reprimidos, o movimento político artístico anuncia novos contornos. Como no verso “sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo” (Racionais MC’s, 2003), vê-se sustentada a ideia da possibilidade de amar/desejar/sonhar como combustível para as práticas desejantes da vida. Além disso, a dimensão da expressão “sonhar

acordado” faz-se como essencial para a produção da arte, pois tem uma intenção concreta: formar e moldar as fantasias (Franco, 2017; Rodrigues, 2021).

A partir desse sonho consciente, compreendemos algumas das falas dos entrevistados: I) “e aí falaram: mano, vamos fazer um *slam* só de amor? Vamos fazer um *slam* só de amor!” (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins). O *slam* “só de amor” traz essa conotação do desejo, da vontade de fazer algo novo, algo diferente, o que complementa a fala “rapaz, papo retão, vamos criar um *Slam* que a gente não fala sobre isso [militância, protesto, denúncia]? Só pra gente falar sobre outras coisas” (Trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul). O desejo – o sonho – é que impulsiona esses jovens a querer fazer algo novo, algo que traga uma nova perspectiva sobre suas próprias vidas (Franco, 2017; Rodrigues, 2021).

Em seu relato, o poeta Do Carmo anuncia que “o amor negro periférico é possível” (Trecho da entrevista realizada em 23/04/2024). Essa afirmação pode ser aproximada da reflexão de hooks (2020) quando afirma que, por vezes, a estratégia de

endurecer o coração parece tornar a vida menos difícil, pois dá-se atenção às demandas mais práticas da vida, deixando de lado a possibilidade de amar. Os jovens que se reúnem para declamar suas poesias anunciam: “nós, jovens, ali, querendo fazer poesia e falar sobre amor” (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins).

Em coletivo, vão inspirando outros jovens a enxergar essa possibilidade de amor: “eu ficava vendo aquilo e eu falava, caraca, e eles tem tudo isso, né, de ter um amor preto, de vivências parecidas, e eu falei, caraca, eu queria viver isso” (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly). Como destaca Nogueira (2020), as pessoas amam porque têm um desejo do que está fora e que, sem esse desejo, a vida seria insuportável.

Assim, hooks (2010; 2020) apresenta que, apesar do processo de escravização e de suas consequências, que têm gerado feridas aos povos negros e marginalizados em relação ao amor, ainda há uma vontade de amar e ser amado e, por vezes, uma incapacidade de dar e receber amor. As entrevistas corroboram que a vontade de amar tem sido um ato de resistência,

afirmando que esta capacidade existe apesar da dificuldade de entrar nessa dinâmica (de amor) por conta do processo de negação da humanidade às pessoas negras.

Dois entrevistados relataram que “sobre a possibilidade de ser amado em qualquer aspecto, porque eu acho que é muito difícil para a gente entender que a gente pode ser amada” (trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly) e “começou o amor romântico [uma vivência], que eu fui entendendo como é que é importante falar sobre o amor do bem também, até porque é difícil falar sobre o amor do bem se você nunca tem. E quando você tem, aí você entende, aí fica fácil de falar” (trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul). Além disso, o Slam Xamego tornou-se um espaço em que é possível cuidar dessas feridas a partir do processo de aquilombamento (Souto, 2020). O coletivo se torna um quilombo onde repousar. Afirma o entrevistado: “E eu acredito que o Slam Xamego é algo onde as pessoas vão pra ser saradas [...] Eu enxergo o Slam Xamego como uma via de descanso, assim, dos poetas” (Trecho da entrevista realizada em 23/04/2024

com Do Carmo). Além de ser uma via de descanso para o público, abre a possibilidade dos sonhos e da vontade de amar e ser amado. Enquanto houver desejo e sonho, haverá vida; sem o desejo/sonho, há uma morte simbólica (Mano Brown, 2017).

No caminho histórico, o *slam* é um movimento de longa data (D'Alva, 2014), porque quem o começou passou para outras pessoas para que o movimento permanecesse, dando contornos ao sentido de continuidade. Na fala de uma poeta: “eu falo do Slam Xamego hoje em dia como potencial de pessoas que entenderam a continuidade [...] a gente tá com a chave agora, mas a gente tem que passar essa chave pra tudo isso aqui funcionar” (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly). Sua fala entra em consonância com o que outro entrevistado aponta:

eu quero que a galera que tá vindo realize, mano, porque, tipo, eles realizando coisas que eu nunca imaginei na minha vida, pra mim também é uma satisfação enorme de ter certeza de que todas as atividades, todas as coisas que a gente fez, serviu pra poder florescer e a galera colher os frutos, tá ligado? (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins)

Nesse sentido, há algo de transmissão, de continuação, que fez e faz com que a culturas marginalizadas sejam preservadas, isso também acontece no movimento do *slam*. A transmissão, por vezes, se dá pela oralidade, pela palavra, porque por mais que tentem destruir ou impedir sua continuidade, a palavra não é destruída (Santos, 2015). Por vezes, se dá por outros meios – como este trabalho, que também busca registrar a importância do Slam Xamego na história, por outras vias.

Em relação a ocupar espaços, é preciso enfatizar que isto é fundamental para a existência e acontecimento do *Slam*. Segundo o poeta João Martins, o Slam Xamego realizou

Novamente, dentro do teatro, uma transmissão ao vivo em tv aberta de uma competição de Slam no Espírito Santo. Sei lá, a gente é convidado, em 2019, a gente é convidado pela SEDU [Secretaria de Educação] para poder ir fazer uma cerimônia de fechamento, de encerramento dos jogos na rede em Guarapari. Então, tipo assim, a passo do tempo a gente é convidado para poder realizar uma programação no Parque Casa do Governador (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins)

Sendo assim, o Slam Xamego instaura um movimento de produção de fissuras na lógica hegemônica, traz uma ocupação estético-política da cidade e busca tensionar a lógica da desigualdade dos acessos e esses espaços: “viver os variados aspectos relacionados ao direito à cidade passa pela possibilidade de acessar e ocupar criativamente os espaços urbanos” (Martin e Bueno, 2021, p. 59). Assim como outros *Slams*, o Slam Xamego também fortalece a luta pelo direito à cidade, bem como promove a apropriação dos espaços urbanos, oferecendo ao seu público e aos moradores da cidade espaços de lazer, cultura e literatura (Martin e Bueno, 2021).

Há uma produção de cultura crítica e criativa inserindo seu público – jovens negros e periféricos – em ambientes de sociabilidade, até mesmo espaços por eles não acessados (Martin e Bueno, 2021): “*por exemplo, hoje eu consigo estar na UFES*” (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly) ou “*UFESLAM, fazem um slam dentro de um shopping... Porra! É dentro de um shopping, mano. Se os moleques conseguem ocupar a universidade pra*

*poder fazer a parada*” (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins). Independente de qual coletivo ocupe os espaços urbanos, é uma vitória para o movimento Hip-Hop como um todo.

*Sou feito de ruas do Taboão  
Alê, Paula, Ju e Ana  
Sabe, às vez', minha vista  
pesa  
Mas eu olho vocês e vou  
caminhando*  
(Rico Dalasam)

Por fim, a categoria de Autoanálise refere-se a falas das reflexões e análises de si próprio, tendo um único sentido, a mudança.

Papo de sentimento mesmo, me deu muita dor de cabeça, não vou mentir não, pra você. Deu muita dor de cabeça, em questão emocional, entender que uma pessoa preta precisa amar, precisa ser amada, precisa se amar. Xamego me deu assim: acorda, meu irmão, tá muito doido. Tem gente que te ama pra caralho, só você que não tá vendo (Trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul)

Segundo hooks (2020), o amor tem um papel fundamental na transformação de cada indivíduo. Noguera (2020) complementa ao afirmar que essa transformação acontece de maneira coletiva, sendo o amor e a comunidade os meios através

dos quais é possível se autoavaliar. Além disso, Gomes (2017) destaca o papel educador do movimento negro para as pessoas negras, demonstrando que a dinâmica de existência, resistência e cuidado do movimento social também ensina aos seus membros. O Slam Xamego, como um movimento social-cultural periférico e predominantemente negro, também atua nesse processo educacional. O movimento Hip-Hop tem sua função educadora com seus participantes. Podemos ver isso como acontece também nas batalhas de rima, pois elas revelam o racismo estrutural e criam um espaço de ressignificação e resistência, permitindo que jovens negros sonhem e discutam questões de classe e gênero (Santos, 2023).

Portanto, as questões de gênero e classe aparecem nas narrativas ao longo das entrevistas nesses trechos: “[a] comunidade LGBTQIA+, estarem presentes lá e falarem sobre as coisas delas. E aí, uma parada é, se essas pessoas não estão nesse lugar falando sobre essas coisas, alguma coisa tá errada” (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins). Tal colocação destaca a importância do

*slam* como um movimento democrático, periférico.

Em outro trecho de entrevista, é perceptível como o movimento faz suas cobranças em relação aos ensinamentos: “militância, quebrando, falou coisa errada, toma, testemunho errado, toma, tipo, foi aquele processo de aprendizado” (Trecho da entrevista realizada em 06/03/2024 com Filipe Soul). O entendimento de acolhimento também se faz presente: “Você falou da questão de classe, por exemplo, você está com pessoas que entendem as suas dificuldades. É tudo parte do entendimento, né? Entende as dificuldades que você passa. Você não precisa ficar provando algo” (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly).

O *slam* também se torna local de aprendizagem sobre o amor, já que:

nós, jovens, negros, periféricos, a gente não tá acostumado a falar sobre isso [amor]. A gente não tá acostumado a falar sobre isso. A gente tá acostumado a falar sobre dor. A nossa narrativa, ou a narrativa que construíram e sempre mostraram pra gente, é uma narrativa de dor. Então, talvez, seja um bloqueio por não ser um processo de dor (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins)

hooks (2010) aponta que pessoas negras têm, como estratégia de sobrevivência, a prática de reprimir os sentimentos e acabam entendendo esse ato como uma ação positiva. Por esse motivo, torna-se “*muito difícil para a gente entender que a gente pode ser amada*” (Trecho da entrevista realizada em 13/04/2024 com Adrielly). Tal construção, ainda a partir de hooks (2010), produz inúmeros desafios de existência e, até mesmo, para a garantia da sobrevivência. Por isso, entendemos que, a partir das trocas que acontecem no Slam Xamego, é possível um exercício cotidiano sobre o amor, como vemos nesse trecho:

E aí isso também vai moldando muito, vai amadurecendo muito a gente, de como a gente age, de como a gente pensa sobre determinadas coisas. Quando a gente chega no slam e ouve fulano de tal falar uma parada diferente ou de uma outra perspectiva que você talvez nunca tenha parado pra pensar, sabe? Você fica tipo, pô, isso aqui me pega [...] quantas vezes eu já fui num slam, ouvi alguém falar alguma coisa e falei, mano, isso aqui me pegou. E eu chegar em casa e automaticamente escrever sobre. Sabe? (Trecho da entrevista realizada em 14/03/2024 com João Martins)

Por fim, entendemos que o movimento Slam Xamego promove um processo educador que forma tanto os indivíduos quanto sua percepção do mundo. Neste sentido, os participantes se autoanalismam e, a partir desse processo, são capazes de mudar, transformar-se e encontrar novas estratégias para agir e de ser no mundo (Gomes, 2017; Santos, 2023; Tavares, 2011).

### Considerações finais

*Pôs o sonho no carretel,  
descarreguei tudo que eu tinha  
Nunca vai tocar o céu quem  
tiver medo de dar linha  
Cesar MC*

Este trabalho investigou parte da cultura Hip-Hop, com foco no Slam Xamego, bem como a aposta desse coletivo em falar sobre como o amor é revolucionário, especialmente diante das violências que os jovens negros e periféricos sofrem constantemente, seja pela via armada do Estado, seja por outras tantas formas estabelecidas na sociedade. Essa aposta emerge do desejo desses jovens de falar sobre algo além das violências, racismos e dores, trazendo leveza e encontrando, no amor, uma resposta. A análise do material coletado revela que as poesias

de amor declamadas no Slam Xamego são fundamentais, pois proporcionam a esses jovens a oportunidade de sonhar. Além de inspirar sonhos, o amor também assume uma função política a partir da criação de um corpo político e permitindo que esses jovens aprendam uns com os outros por meio de suas experiências, em consonância com outros movimentos da cultura Hip-Hop.

Os achados desta pesquisa, mesmo que limitados à uma pesquisa de iniciação científica com duração de um ano, reafirmam a enunciação do amor como transformação da vida. Portanto, destaca-se a importância de dar continuidade e aprofundar esse estudo com a juventude participante do Slam Xamego.

O estudo evidencia a força do coletivo na vida dos jovens, a possibilidade de planejar, amar e viver, resistindo às dificuldades e violências cotidianas, evitando a morte física e simbólica, ocupando espaços urbanos e expressando suas necessidades através da arte e das expressões poéticas. A criatividade e sagacidade desses jovens desafia a lógica hegemônica de que jovens negros e pobres são perigosos; como podem ser perigosos se seus gritos clamam por

amor e declaram seus amores e suas decepções amorosas? A sagacidade está na dupla satisfação em falar de amor e subverter a lógica hegemônica. Nesse processo, o Slam Xamego conquista espaços importantes, como a transmissão do campeonato estadual na TV aberta e a realização do evento no teatro, fomentando nos jovens um senso crítico sobre a ocupação dos espaços na cidade, apontando como a cultura Hip-Hop, na contemporaneidade, tem uma função educativa e atua como fomentadora de produção de conhecimento pela juventude.

Em suma, o maior achado desta pesquisa foram as considerações sobre os sonhos. Falar de amor permite a possibilidade de sonhar, de expressar e construir desejos, entendendo que estão profundamente conectados à própria vida e existência. Falar de amor é falar de maneiras de viver e de se manter vivo. Os sonhos estão entrelaçados com o presente e o futuro; enquanto houver sonhos, haverá luta, resistência e vida. A transformação torna-se possível, pois há um futuro a ser vivido, e o Slam Xamego se destaca como revolucionário por potencializar o desejo de sonhar através do amor.

Esse ato revolucionário está na sagacidade de abalar a lógica dominante que busca exterminar a vida desses jovens. A cultura Hip-Hop e o Slam Xamego criam um furo na narrativa, estabelecida pela hegemonia, de que jovens negros e periféricos são perigosos, bem como criam a possibilidade de ser mais, ou seja, de sonhar em ser além do que dizem. Falar de amor cria a chama de desejar e, consequentemente, de sonhar.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, João Otávio et al. Conversões e escrevivências: a construção de espaços de fala da negritude na universidade. *Humanidades & Inovação*, v. 10, n. 4, p. 360-369, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8642>. Acesso em: 11 out. 2024.
- ALMEIDA, João Otávio. Masculinidades dançantes. *Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES*. Volume 12, Vitória: PRPPG, 2021. Disponível em: <https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/sc.php?id=17152>. Acesso em: 8 out. 2024.
- BACO EXU DO BLUES. Sinto tanta raiva... In: QVVJFA? Salvador: 999, 2022.
- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo et al. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6828599/mod\\_resource/content/3/Pistas%20do%20m%C3%A9todo%20da%20cartografia%201\\_Livro.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6828599/mod_resource/content/3/Pistas%20do%20m%C3%A9todo%20da%20cartografia%201_Livro.pdf). Acesso em: 06 out. 2024.
- BK; JXNV\$. Continuação de um sonho. In: ICARUS. Rio de Janeiro: Gigantes, 2022.
- CESAR MC. Eu precisava voltar com a folhinha. In: *Dai a César o que é de César*. Rio de Janeiro: Pineapple Storm TV, 2021.
- COIMBRA, Cecilia; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? *JOVENes – Revista de Estudios sobre Juventud*, v. 9, n. 22, p. 338-355, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto23.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.
- D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FANON, Frantz. *Pele negras, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FARIAS, Eduardo Augusto; FURLAN, Marta Regina; SOUZA, Ravelli Henrique de. Histórias cruzadas sobre nós, “os Outros”: vivências de pesquisadores negros na universidade. *Revista África e Africanidades*, v. XVI, p. 31-44, 2023. Disponível em: [https://africaeafricanidades.com.br/documents/Dossie\\_Estudios\\_sobre\\_homens\\_nao\\_brancos.pdf](https://africaeafricanidades.com.br/documents/Dossie_Estudios_sobre_homens_nao_brancos.pdf). Acesso em: 12 set. 2024.
- FERNANDES, Eliane Gamas. *A cor do amor: racismo nas vivências amorosas*.

de mulheres negras. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Núcleo de Saúde, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018. Disponível em: <https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2470>. Acesso em: 07 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANCO, Sérgio. Quando não conseguimos mais sonhar acordados. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 20, n. 4, p. 637–640, out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p636.1>. Acesso em: 10 set. 2024.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, bell. *Vivendo de amor*. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 15 set. 2023.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANNA, Paloma; SILVA, M Matheus Henrique; CALAIS, Lara Brum de.

"Foguete ou tiro": a produção de subjetividade de juventudes a partir do território. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 16, n. 1, p. e-3263, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v16n1/09.pdf>. Acesso em: 02 out. 2024.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MANO BROWN. Mano Brown e Francisco Bosco discutem lugar de fala e apropriação cultural. *YouTube*, 15 dez. 2017. 13min30s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LjUiDoQE9o>. Acesso em: 16 out. 2024.

MARTIN, Vilma; BUENO, André. Slam e o direito à cidade: notas a partir do Slam da Guilhermina e do Slam Resistência. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 31, n. 4, p. 51–71, 2021. DOI: 10.35699/2317-2096.2021.33516. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/33516>. Acesso em: 11 set. 2024.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MC POZE DO RODO. Talvez. In: *O sábio*. Rio de Janeiro: Mainstreet Records, 2022.

MOTEN, Fred. *Na quebrada: a estética da tradição racial preta*. São Paulo: Crocodilo; N-1 edições, 2023.

NEVES, Cynthia. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 02 mar. 2023.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *Significações do corpo negro*. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/significacoes-do-corpo-negro-isildinha-baptista-nogueira-tese.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

NOGUERA, Renato. *Porque amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

PINHO, Osmundo. Prefácio à edição brasileira. In: MOTEN, F. *Na quebrada: a estética da tradição racial preta*. São Paulo: Crocodilo; N-1 edições, 2023.

RACIONAIS MC'S. *A vida é desafio*. In: *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

RIBEIRO, Cristiane. *Tornar-se negro, devir sujeito*. Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2022.

RICO DALASAM. Ando me perguntando. In: *Fim das tentativas*. São Paulo: Rico Dalasam, 2022.

RICO DALASAM; CÉU. Guia de um amor cego. In: *Fim das tentativas*. São Paulo: Rico Dalasam, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos, modos e significações*. Brasília: UnB, 2015.

SANTOS, Sávio Oliveira. Batalhas de rima: espaços de reeducação de jovens homens negros. *Revista África e Africanidades*, v. XVI, p. 7-21, 2023. Disponível em: [https://africaeafricanidades.com.br/documents/Dossie\\_Estudos\\_sobre\\_homens\\_nao\\_brancos.pdf](https://africaeafricanidades.com.br/documents/Dossie_Estudos_sobre_homens_nao_brancos.pdf). Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA NETO, Luiz Gomes da. Assalto à Mão Letrada: Etnografando Saúde, Amor e Revolução por meio do Slam da Quentura. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 28, n. 1, p. 1–18, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46498>. Acesso em: 10 out. 2024.

SILVA, Caio Ruano da; LOSEKANN, Cristiana. Slam poetry como confronto nas ruas e nas escolas. *Educação & Sociedade*, v. 41, p. e228382, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.228382>. Acesso em: 06 mar. 2024.

SILVA, Silvane. A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade. In: hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Revista Metamorfose*, v. 4, n. 4, p. 133-144, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426/21352>. Acesso em: 09 set. 2024.

SOUZA, Arivaldo Sacramento de. A língua das árvores. In: RICARDO, Marcelo. *Aos meus homens*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

SPINK, Mary Jane. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/w9q43>. Acesso em: 05 set. 2024.

TAVARES, Gilead Marchezi. O dispositivo da criminalidade e suas estratégias. *Fractal, Revista de Psicologia*, v. 23, n. 1, p. 123-136, abr.

2011. Disponível em:  
<https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4819>. Acesso em: 11 out. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod\\_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em\\_Ciencias-Sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf). Acesso em: 11 out. 2024.